

ARTIGOS

George Leonardo Seabra Coelho¹

Entre a aposentadoria e a morte: Oliveira Vianna nos salões da ABL e nas páginas do jornal *Letras Fluminenses*

Between retirement and death: Oliveira Vianna
in the salons of the ABL and in the pages
of the *Letras Fluminenses* newspaper

RESUMO:


O objetivo neste artigo será historiar como os movimentos para a aposentadoria de Oliveira Vianna – iniciados nos salões da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1949 – e seu falecimento em 1951 – rememorado pelo jornal *Letras Fluminenses* – tornaram-se uma espécie de tentativa de consagração desse intelectual. Para desenvolvermos essa proposta, operacionalizaremos os conceitos de campo de Pierre Bourdieu (1996) e a noção de “sociedade de indivíduos” de Norbert Elias (1994). Nosso intuito foi interligar esses dois acontecimentos para demonstrar a construção de uma memória de Oliveira Vianna – como um servidor público exemplar, um homem bondoso e um exímio cientista – pelo campo intelectual e pela sociedade de indivíduos com os quais o intelectual falecido interagiu.

Palavras-chave: Memória; Imprensa; Campo; Intelectual; Consagração

ABSTRACT:

Our goal in this article will be to describe how Oliveira Vianna's retirement movements, initiated in the salons of ABL in 1949 and his death in 1951 – remembered by the newspaper *Letras Fluminenses* – became a kind of consecration attempt of this intellectual. To develop our proposal, we will use the field concepts of Pierre Bourdieu (1996) and the notion of “society of individuals” of Norbert Elias (1994). Our intention was to interconnect these two events to demonstrate the construction of a memory of Oliveira Vianna - as an exemplary public servant, a kind man and an excellent scientist - by the intellectual field and the society of individuals with whom the deceased intellectual interacted.

Keywords: Memory; Press; Field; Intellectual; Consecration

¹ Pós-doutor, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil.
george.coelho@hotmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-3166-4008>

INTRODUÇÃO

A trajetória intelectual de Francisco José de Oliveira Vianna iniciou-se com a escrita de um artigo sobre Alberto Torres em 1906, mas somente em 1920 veio a público a obra *Populações meridionais do Brasil*. Após essa obra inaugural, publicou diversos livros no primeiro quartel do século XX. Oliveira Vianna também ocupou diversos cargos públicos. Na maioria das vezes por indicações derivadas de seus conhecimentos históricos e sociais revelados em várias de suas obras (Torres, 1956). Como vários escritores, valia-se da imprensa escrita para divulgar e legitimar suas ideias, não apenas relativas aos estudos sociológicos, mas políticas, também. Além das diversas produções sociológicas e de ocupar vários cargos públicos, participou de inúmeras associações acadêmicas, científicas e literárias.

Esse intelectual consagrou-se como um dos principais pensadores da realidade social brasileira da primeira metade do século XX. Sua obra foi marcada pelo engajamento, não apenas para progresso científico da Nação, mas também pela civilidade e nacionalidade. Em vários de seus estudos, Vianna entendeu que a influência do liberalismo e a adoção do princípio do *self-government* seriam as principais razões da intranquilidade, violência e anarquia na sociedade brasileira. Posicionando-se contra os princípios liberais, ressaltou

o quanto eles eram inadequados à situação brasileira, defendendo uma posição centralizadora e autoritária. Sua bagagem intelectual foi igualmente marcada pelo positivismo, determinismo ambiental, teorias racistas e pensamento católico. Além de ser um antiliberal e um anticomunista convicto, comungou com a doutrina social da Igreja consubstanciada nas encíclicas papais *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*. Contudo, sua concepção referente ao corporativismo estatal sempre objetivou pelo fortalecimento do poder secular.

No que concerne ao pensamento de Vianna, Candido (1980) considera seu estilo literário como um “poderoso ímã” da literatura sociológica das três primeiras décadas do século XX. Tal estilo deu origem a um gênero específico, em que se mesclava a História, a Economia, a Filosofia e a Arte. Candido (1980) declara, ainda, que não é exagero afirmar que essa linha de ensaio – em que se combinam a imaginação e a observação, a ciência e a arte – foi uma das principais características do pensamento social e político brasileiro daqueles anos.

Ao destacar o papel desempenhado por Vianna no campo dos estudos sociológicos, Venancio (2001) recorda que esse intelectual enveredou-se pelo naturalismo sociológico. Por essa razão, o intelectual saquaremense foi capaz de explicar a evolução do povo brasileiro pelos parâmetros do determinismo mesológico – geo-

grafia e clima – e biológico – os grupos étnicos e a miscigenação. Para a autora, a influência recíproca entre meio e raça teria gerado – segundo o pensamento vianniano – as características específicas do povo brasileiro (Venancio, 2001).

Sua produção ensaística pode ser entendida por dois planos estilísticos: os escritos sociológicos e os escritos políticos. No primeiro plano, Bresciani (2010) assinala que o foco se centrava nas diferenças entre o tipo social que se formou no Novo Mundo e o tipo social do Velho Mundo. No segundo plano, destaca-se os erros provenientes da adoção das soluções derivadas do pensamento europeu para resolver os problemas nacionais (Bresciani, 2007). Esses dois procedimentos estilísticos conferiram autoridade aos escritos de Vianna, os quais buscaram definir um projeto político para a formação de uma nacionalidade coesa e forte.

Vianna também foi um dos primeiros estudiosos preocupados com a dicotomia entre o Brasil real e o Brasil legal. Para superar essa dicotomia, Mendonça e Arruda (2006) consideram que esse intelectual desenvolveu os princípios de uma revolução restauradora e de um projeto contrarrevolucionário centrado na planificação reformista das estruturas políticas. As corporações e o Estado forte exerceriam um papel primordial na mediação entre o Brasil real e o Brasil legal. De modo geral, esse intelectual propôs a “técnica au-

toritária” como estratégia para o estabelecimento de um Estado pedagogo, edificador da Nação e inspirador do civismo que organizaria a sociedade que vive em estado de natureza.

Para além dessa imagem de pensador autoritário ligado a um regime ditatorial, pretendemos problematizar como as articulações políticas para sua aposentadoria iniciados nos salões da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1949 e as homenagens após seu falecimento em 1951 tornaram-se uma espécie de tentativa de consagração desse intelectual. Nosso intuito aqui foi interligar esses dois acontecimentos por meio dos pronunciamentos dos “imortais” nos salões da ABL e da imprensa, particularmente através do jornal *Letras Fluminenses*. Por meio desses dois espaços – um simbólico e o outro midiático – mapeamos a construção de arquétipos da memória que edificaria a personalidade de Vianna: como servidor público que sacrificou sua saúde pela Nação; como um intelectual consumido pelo dever cívico em contribuir para o enriquecimento cultural brasileiro; e como um cientista que não abandonou os sentimentos humanos em sua escrita. Para desenvolvermos essa proposta, operacionalizamos os conceitos de campo de Bourdieu (1996) e a noção de “sociedade de indivíduos” de Elias (1994).

Em relação à constituição de um campo, Bourdieu (1999) entende que ela é correlata ao processo de fechamento em si e, por esse motivo,

quanto mais o campo estiver em condição de funcionar como arena fechada de legitimidade cultural, tanto mais os princípios que realizam as demarcações internas são irredutíveis às interferências externas. De acordo com o autor, são extremamente dependentes “da imagem que têm de si próprios e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas, têm deles e do que eles fazem” (Bourdieu, 2008, pp. 108). As relações de forças objetivas, materiais e simbólicas são esquemas práticos com os quais os agentes classificam os demais agentes e mensuram as posições dos intelectuais no grupo. Por isso nossa escolha em trabalhar os anais da ABL e o jornal *Letras Fluminenses*, pois esses espaços configuram um campo intelectual fechado empenhado na construção da imagem e da memória de Vianna.

Com a percepção de campo de Bourdieu (1996), entendemos que a noção de “sociedade de indivíduos” elaborada por Elias (1994) também nos auxiliou neste estudo. Defendemos que o estudo da relação entre a pluralidade de pessoas – amigos e admiradores do intelectual saquaremense – e a pessoa singular – o próprio Vianna – abre espaço para compreender a pluralidade de sujeitos reunidos nesses projetos literários – imagem e memória do escritor falecido. Em outras palavras, levaremos em conta a relação entre a pluralidade de pessoas envolvidas na homenagem feita a Vianna nos salões da ABL e na edição especial do jornal

Letras Fluminenses, para compreender a construção simbólica da personalidade do homenageado. De modo que admiradores, amigos e discípulos construíram representações sobre a personalidade do escritor, tornando-se “guardiões da memória” do falecido intelectual (Gomes, 2019). Assim, poderemos reconstruir parte da sociabilidade e do intercâmbio cultural/profissional que possibilitou a tentativa de consagração e construção da memória referente a Vianna.

Para desenvolvermos este estudo, o dividimos da seguinte forma: na primeira seção, intitulada *Da aposentadoria à morte de Oliveira Vianna nos salões da ABL*, apresentaremos as defesas pela aposentadoria de Vianna iniciada na ABL e sua publicização por alguns periódicos e, posteriormente, exporemos como seu falecimento foi rememorado pelos membros da Casa de Machado de Assis. Veremos que esses dois momentos possibilitaram a construção da memória de Vianna como grande pensador brasileiro e um servidor público exemplar; na segunda parte, intitulada *Jornal Letras fluminenses e a construção da memória de Oliveira Vianna*, veremos como a imprensa consolidou a memória de Vianna experimentada pelos confrades na ABL por meio das páginas do jornal *Letras Fluminenses*. Ainda, observaremos como os responsáveis por esse periódico organizaram as notícias para edificar uma imagem de Vianna como uma pessoa de bom coração e um intelectual de

primeira linha. E através desta linha de raciocínio, convidamos as leitoras e os leitores a acompanhar o processor de construção da memória póstuma deste intelectual brasileiro, iniciada nos salões da ABL e finalizada nas páginas do jornal *Letras Fluminenses*.

DA APOSENTADORIA À MORTE DE OLIVEIRA VIANNA NOS SALÕES DA ABL

Em 1949, o Governador do Rio de Janeiro – Edmundo de Macedo Soares – havia mandado cunhar uma medalha de ouro em homenagem a Vianna. Tal agraciamento reverberou de forma entusiasmada nos salões da ABL. Em uma das sessões públicas, Leví Carneiro parabenizou a iniciativa e anunciou que formularia,

individualmente, um apelo ao Congresso Nacional para que [...] conceda, por lei especial, ao Sr. Oliveira Vianna, aposentadoria, com vencimentos integrais, no cargo de Ministro do Tribunal de Contas. Essa concessão não será, apenas, um prêmio – será a garantia de que o Sr. Oliveira Vianna poderá levar a bom termo os livros que tem em preparação [...] atendendo a outros trabalhos, já concluídos ou em preparo (Abl, 1949, pp. 124).

Comumente afirma-se que a nomeação de Vianna ao cargo de Ministro do Tribunal de Contas foi uma espécie de “prêmio” concedido por Vargas em razão dos trabalhos prestados. Para além dessa polêmica, Leví Carneiro – no fragmento acima – defendeu que a aposentadoria não seria outro “prêmio”, mas uma forma de levar em consideração seu precário estado de saúde, pois Vianna estaria “doente” e “isolado em seu retiro de Niterói” (Abl, 1949, pp. 124). Ao mesmo tempo, tal argumento se justificaria não apenas para que pudesse cuidar da saúde, mas para que fosse capaz de se empenhar na finalização de “uma série de estudos” (Abl, 1949, pp. 124). Além de comentar as futuras obras, Carneiro enaltece a publicação de *Instituições Políticas Brasileiras* (1949) – publicada nesse mesmo ano – para corroborar com o argumento de que Vianna deveria ser aposentado para dedicar-se exclusivamente à escrita.

Na mesma sessão, Carneiro recordou o falecimento de Bernadino José de Souza que – cheio de “vigor intelectual” – havia sido “libertado pela morte” da atividade no Tribunal de Contas (ABL, 1949, pp. 125). Com essa constatação, o acadêmico fez uma pergunta retórica: “Por que [...] não se conceder ao Sr. Oliveira Vianna, desde já, urgentemente, enquanto é tempo de ser aproveitada, a mesma libertação?” (Abl, 1949, pp. 125). Carneiro é ciente de que

as concessões deste gênero se fazem [...]

por favor, por camaradagem, por solicitação instante do beneficiado. Sabemos todos que o Sr. Oliveira Vianna não é homem para tais solicitações. Chego a rezear que esta [...] iniciativa minha [...] tenha sua desaprovação. Confesso que, por isso mesmo, nem procurei obter a sua aquiescência (Abl, 1949, pp. 125).

Além de edificar – no campo discursivo – a personalidade intelectual enquanto contribuição fundamental para o avanço das letras brasileiras, o pronunciamento de Carneiro também lançou as bases para a formulação de sua personalidade enquanto homem público exemplar, pois não se beneficiaria de favores. Esse suposto comportamento – o de não coadunar com concessão de favores – seria corporificado na figura de um intelectual que se “sacrificaria” – como servidor público – em prol dos “interesses nacionais” (Abl, 1949, pp. 125). Como vemos, a memória construída sobre a personalidade de Vianna começou a ser configurada – nos salões da ABL – por dois polos: um intelectual excepcional e um homem público exemplar.

O tema do pedido de aposentadoria de Vianna ganhou as páginas da imprensa como, por exemplo, no jornal *O Globo*. Nesse periódico, uma nota informava sobre a sugestão de Carneiro de solicitar ao Congresso Nacional a aprovação de sua aposentadoria, a qual havia sido aceita por “unanimidade” (Para..., 1949, pp. 2). O *Jornal do*

Brasil também realçou que Vianna necessitava de “serenidade e a paz de espírito” para terminar suas obras (A..., 1949, pp. 5). Segundo a notícia, já longamente avançado no caminho da vida e [...] esgotado [...] pelo esforço cerebral, não poderá acumular a sua tarefa de Juiz com a de escritor, lidando com números e com períodos ao mesmo tempo, sem prejuízo do esplendor e da exatidão de sua obra de historiador e de sociólogo. É em defesa desse patrimônio da inteligência e da erudição brasileira que se levanta esse apelo (A..., 1949, pp. 5).

Sobre o pedido de aposentadoria, o jornal *Correio da Manhã* apresentou uma longa reportagem de Costa Rego (1949). Para o jornalista, os estudos de Oliveira Viana “valem mais que os relatórios e votos” emitidos para o Tribunal de Contas (Rego, 1949, pp. 4). No intuito de reforçar seu posicionamento, o jornalista realizou uma analogia entre o caso de Vianna e a nomeação de Paul Valéry a uma cátedra de literatura no colégio de França, a qual teve o intuito de “ajudá-lo” a finalizar a sua peça teatral *Meu Fausto* (Rego, 1949, pp. 4). Nesse caso, o intelectual francês não conseguiu finalizá-lo devido às funções na cátedra, sendo assim, Rego (1949, pp. 4) insta que o mesmo não deveria acontecer com Vianna, pois sua produção intelectual ofereceria “evidente grandeza para as letras do país”.

Sobre a importância de finalizar sua obra sociológica, C. K. (1949, pp. 14) assinou uma matéria no jornal *A Noite* ressaltando que a

cultura brasileira espera e exige a conclusão desses trabalhos. Ocorre, todavia, a Oliveira Vianna que divide o seu tempo entre o gabinete do pesquisador e ensaísta e as árduas funções de ministro do Tribunal de Contas. Tem vivido heroicamente as duas vidas paralelas.

Ao final da matéria, C. K. (1949, pp. 14) defendeu que por todos os seus serviços prestados a Nação – seja no campo das letras, seja no campo do serviço público – a aposentadoria seria um “prêmio” que “ninguém de boa-fé, negaria a [sua] justiça”. Austregesilo de Athayde (1949) também deixou sua impressão sobre esse episódio nas páginas do jornal *Diário da Noite*. Em nota, elogiou o “belo gesto” do governo carioca em relação a Vianna e, declarou estar certo “de que o general Dutra não fechará os ouvidos a essa conclamação” de aposentadoria (Athayde, 1949, pp. 2).

O Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, sancionou o decreto legislativo que concederia aposentadoria a Vianna no dia 19 de janeiro de 1951, isto é, dois meses antes de sua morte em 28 de março de 1951. Uma semana após o falecimento, Aloysio de Castro (1951) – na condição de Presidente da ABL – homenageou a memória de Vianna em sessão pública nos salões

da Casa de Machado de Assis. Na ocasião, lembrou que “sua longa doença por muito nos privou da sua companhia” como “nos bons tempos da sua assídua presença” (Castro, 1951, pp. 15). Na sequência, Cláudio de Souza tomou a palavra e falou sobre seu “particular amigo” como um “dos maiores espíritos que tem” pertencido à Academia e, “cuja obra por sua densa e profunda substância constitui um dos mais preciosos tesouros do patrimônio cultural do Brasil” (Abl, 1951a, pp. 18-19).

Durante a sessão solene, Pedro Calmon exaltou os “estudos analíticos e sistemáticos da formação social à luz de um realismo científico” (Abl, 1951a, pp. 19). O orador lembrou que o acadêmico falecido, acima de tudo, soube interpretar o Brasil e

estabelecer, nos quadros de uma cultura construtiva, as normas essenciais que tem regido, que explicam e orientam a evolução nacional e se tornou com isto – sociólogo, historiador, ensaísta, filósofo social, homem de leis – um dos mestres autênticos do Brasil [...] Abrasou-o a flama que iluminou a vida de Tobias Barreto, de Silvio Romero, de Euclides da Cunha e de Alberto Torres (Abl, 1951a, pp. 19).

Após as palavras de Calmon, Múcio Leão congratulou-se com as falas anteriores e trouxe os pesares de Aníbal Freire que – não podendo estar presente – solicitou que seu nome ficasse entre

aqueles que recordaram a figura de Vianna. Por último, Cassiano Ricardo lembrou o quanto foi devedor deste “mestre de brasilidade” que havia acabado de falecer (Abl, 1951a, pp. 19). O orador disse que:

Oliveira Vianna nos mostrou um Brasil brasileiro; deu-nos um retrato fiel da nossa formação social e étnica; estudou magistralmente a origem das nossas instituições políticas [...] os elementos que entraram em nossa democracia social [...] Não apenas para satisfazer a sua vocação de sociólogo, mas principalmente para servir aos que, na configuração do nosso arcabouço político, ou na defesa do nosso estilo de vida, ou ainda no trabalho dos Congressos e no gabinete dos estadistas (Abl, 1951a, pp. 20).

Ao considerar que Vianna pertenceu a uma grande linha de “escritores que descobriram o Brasil”, Ricardo reiterou que “cada livro de Oliveira Vianna constitui[u] uma forma de conhecer” e defender o Brasil “na luta contra as ideologias deformadoras” dos “valores emocionais e simbólicos” nacionais (Abl, 1951a, pp. 20-21). Como vemos, as homenagens à Vianna registradas nos anais da ABL recuperaram enunciados presentes na campanha em prol de sua aposentadoria ocorrida em 1949, especialmente sua qualidade enquanto escritor, sua veia nacionalista e sua personalidade austera.

Castro (1951, pp. 15) rememorou o caráter de Vianna que, como escritor, nunca deu importância “as auréolas fugazes, regalos ou faustos”, uma vez que vivia para “estudo e nele buscando aquele esplendor da verdade”, esse sim, era “seu viver honesto”. Leão sinalizou que além de ser “um grande escritor, era igualmente um grande coração, um caráter dos mais puros” (Abl, 1951a, pp. 19). Na mesma linha de elogios, Ricardo não reverenciou apenas o escritor e sociólogo patriótico, mas “sua figura de homem; de homem perfeito pela bondade tipicamente brasileira que realç[ou] a inteligência e as atitudes” (Abl, 1951a, pp. 20).

Ao lermos os registros das seções da ABL, podemos deduzir que esses intelectuais utilizaram esse espaço simbólico como forma de consagração da memória do intelectual falecido. Ao mesmo tempo, muitos deles – mesmo os ausentes – fizeram questão que seus nomes constassem nas Atas e registros escritos desses episódios. Ao considerarmos a ABL como um campo literário e político de grande peso para as elites brasileiras nessas décadas, podemos entender como funcionava essa sociedade de indivíduos que buscavam, acima de tudo, demarcar para as gerações futuras a memória de um dos seus. Entendemos, também, a tentativa de transformar Vianna em um intelectual, as vezes como heróis, para não dizer, uma espécie de santo que sacrificou sua própria

saúde para contribuir – no campo científico – com a Nação. Para que possamos entender melhor essa tentativa de marcar a memória do intelectual falecido, torna-se fundamental passarmos para a leitura do jornal *Letras Fluminenses*, pois esse diário contribuiu com a tentativa de edificar a imagem de Vianna como um grande intelectual e uma pessoa benevolente.

JORNAL LETRAS FLUMINENSES E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE OLIVEIRA VIANNA

Ao ofertar o jornal *Letras Fluminenses* à Academia, exemplar dedicado à Vianna e ainda preservado no Arquivo Múcio Leão da ABL, Peregrino Junior acentuou que o mensário realizou “uma autêntica antologia, dedicada ao grande sociólogo brasileiro” (Abl, 1951b, pp. 45). Esse orador informou que Marcos Almir Madeira foi o responsável por selecionar e organizar as matérias, assim como levantou os documentos, informações e artigos para a elaboração desse número especial. Para Peregrino Junior, esse exemplar é uma “obra sólida, segura e útil [...] ao historiador futuro do pensamento brasileiro. No gênero, é o que de mais completo, mais exato e mais inédito que se reuniu sobre certas tendências e singularidades de Oliveira Vianna, como homem, como escritor e

como sociólogo” (Abl, 1951b, pp. 46).

O que vemos no jornal foi essa tentativa, isto é, edificar uma memória específica do intelectual falecido dentro desta tríade; homem, escrito e sociólogo. Analisando esse mesmo periódico, Angela de Castro Gomes (2019, pp. 20) o definiu como uma espécie de necrológico, ou seja, “um tipo de texto particularmente propício à ocorrência do que Pierre Bourdieu denominou de ‘ilusão biográfica’: a escrita de uma vida de forma coerente e com sentido teleológico (seu fim explica todo o percurso)”. Ao ser produzido pouco tempo após a morte de Vianna, a historiadora entende – e concordamos com ela – que esse exemplar do jornal *Letras Fluminenses* é um documento histórico que indica a existência de “guardiões da memória” do intelectual falecido.

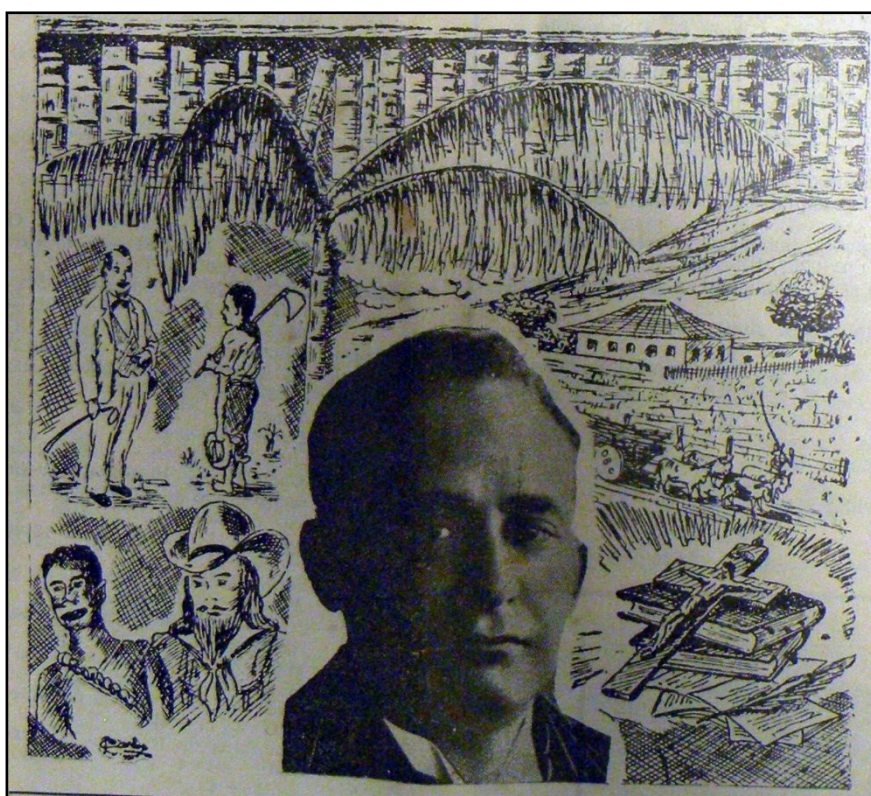
Com o intuito de preservar e ordenar a memória de Vianna, a primeira página do periódico foi decorada com uma ilustração de Luis Carlos. Ao analisarmos a Figura 1, verificamos que o ilustrador procurou representar autor e obra nessa fotomontagem, vejamos:

A ilustração realçou o jovem Vianna no centro da composição. Do lado direito visualizamos o crucifixo sob alguns livros e anotações. Essa composição demarcou o seu perfil católico e religioso, de modo que a disposição do crucifixo – posto acima das obras e anotações – subentende-se que, de alguma forma, a visão cristã guiaria suas

interpretações sobre a sociedade brasileira, ou ainda, a completaria. Na parte superior direita da ilustração, enxergamos o ambiente rural marcadamente simbolizado pela casa grande como sede da fazenda. Esses elementos visuais remeteriam às origens e infância do escritor. Entendemos que a inserção da moradia rural induziria uma remissão do observador à infância do escritor, apesar de Vianna ter vivido a maior parte da vida em centros urbanos.

composição pretendeu deixar marcada imagneticamente alguns objetos históricos abordados por Vianna. No canto superior esquerdo, visualizamos a imagem de um homem representando um coronel – a representação simbólica da sociedade patriarcal – dando ordens a um sertanejo. Ambos os elementos simbólicos representariam a força do patriarcalismo. Já na parte superior da ilustração, vemos uma estante com livros. Tal estratégia visual teria o intuito de chamar a atenção de quem

Figura 1 – Vida e obra de Oliveira Vianna



Fonte: Arquivo pessoal Oliveira Vianna ABL, pasta, 365-B-103

No lado esquerdo, encontramos a ilustração de um bandeirante – um dos responsáveis pela expansão do território e objeto de alguns de seus estudos – e um africano escravizado. Essa

observa a ilustração e, com isso, supor que todos os materiais imagéticos dispostos na fotomontagem haviam sido estudados cientificamente por Vianna. Tudo isso posto, o catolicismo, o mundo

rural e patriarcal e, acima de tudo, a erudição, são utilizados pelo ilustrador para representar a personalidade intelectual de Vianna; como homem, como escritor e como sociólogo.

Voltando para a análise das outras matérias no jornal, visualizamos na primeira página do periódico uma longa lista de sugestões bibliográficas sobre o falecido intelectual, a qual havia sido elaborada por Dayl de Almeida, Hélio B. Palmier, Geraldo Bezerra de Menezes e Marcos Almir Madeira. Nela são descritos mais do que 114 artigos escritos entre 1915 e 1951, 21 notas e editoriais entre 1921 e 1951 e, ainda, a indicação de 10 livros entre 1928 e 1934 que, de alguma forma, traziam algum comentário sobre Vianna. No periódico lemos, também, notícias sobre o lançamento de três livros sobre a obra e a vida de Vianna, assim como informações sobre a publicação de suas obras esgotadas e/ou póstumas.

Dados biográficos de Vianna são fragmentados por todo o jornal. Gomes (2019) entende que esta estratégia objetivava apresentar o falecido ao leitor por meio de uma seleção e ordenação que contemplaria o sentido e a direção da existência do homenageado. Consideramos que os diversos fragmentos biográficos construíram uma colcha de retalhos, a qual inicia-se com aprendizado das primeiras letras, sua matrícula na escola Primária de Quincas Sousa, sua chegada em Niterói aos quatorze anos e sua matrícula no Colégio

Carlos Alberto. Também são descritos seus exames no Colégio Pedro II, a entrada na Faculdade de Direito, seu conhecimento de várias línguas, seu gosto ao visitar a Fazenda Rio Seco em Bacaxá – da qual era proprietário –, suas experiências como advogado ao lado de Alberto Torres, seus primeiros escritos, sua atuação como professor até a sua condecoração pela Academia das Ciências de Lisboa.

Ao longo do exemplar foram reproduzidas fotografias de Vianna, as quais – se analisadas conjuntamente – tem o intuito de ilustrar a trajetória e a personalidade de Vianna. Esse conjunto imagético registrou o falecido andando a cavalo no Sítio da Paineira, lendo jornais no jardim de sua residência, atuando no Ministério do Trabalho, durante a posse na ABL em 1940, na residência de Leví Carneiro com outros membros da ABL em 1941, com seus familiares, em sua biblioteca e, curiosamente, os manuscritos das suas nove obras inéditas. Além dessa coleção de fotografias que ilustraria os momentos marcantes na vida privada e da carreira de Vianna, o periódico reproduz uma de suas últimas fotografias e, ainda, o cortejo fúnebre de seu enterro.

Diversas cartas foram reproduzidas no periódico, as quais eram acompanhadas da reprodução do original, subterfúgio utilizado para comprovar a veracidade da informação. Tais reproduções destacaram a personalidade do intelectual

saquaremense arredio às disputas no magistério, sua eleição e/ou ausência nos salões da ABL, convites para ocupação de cargos públicos, agradecimentos pelo envio de obras, comentários sobre as futuras obras que estava por escrever, o apreço que grandes intelectuais brasileiros tinham por Vianna, quando não o colocando – como o fez Afonso de Taunay – como “*specimen* acabado de homem superior” (Oliveira..., 1951, pp. 9).

Concomitantemente às listas de sugestões bibliográficas, dados biográficos, anunciações de novas obras e transcrições de correspondências, somos surpreendidos com diversos fragmentos de artigos e matérias publicadas em diversos jornais ao longo das décadas de 1920 e 1940, os quais buscavam reforçar a áurea quase heroica. Dizendo de outra forma, todo esse conjunto heurístico foi cuidadosamente selecionado para construir a memória de Vianna. Tal rede seria, também, a configuração de um campo intelectual que reunia juristas, funcionários públicos de alto escalão, editores, literatos e discípulos de Vianna. Essa sociedade de indivíduos reunidas em torno do jornal *Letras Fluminenses* tinham como principal missão – enquanto “guardiões da memória” – de deixar para a posteridade duas características de Vianna: um homem bondoso e um exímio cientista.

A tentativa de construir a associação entre o pensamento científico e as emoções também foi tentada por Amaral Peixoto (1951). Em pronun-

ciamento, o Governador carioca afirmou que Vianna alcançou, com seus escritos, não apenas o campo político, mas “uma grande compreensão e espírito da solidariedade humana”

se os princípios por ele expostos e que norteiam realmente a política brasileira dos últimos vinte anos, forem seguidos, mais do que pela imposição da lei, pelo pensamento e pelo coração [...] e, ainda mais, se uma grande compreensão e espírito de solidariedade humana presidirem a todas as nossas deliberações (Peixoto, 1951, pp. 11).

Na tentativa de construção de uma memória sobre a personalidade e qualidades morais de Vianna, José Orsine Reis (1951, pp. 14) pormenoriza que; ao lado do cientista, encontrava-se o sujeito de “índole arredia” que “insistia com seu editor para que evitasse alardes em torno de seu nome, alegando sempre que seus trabalhos eram científicos e, portanto, não negociáveis em moldes comerciais”. Vemos como a transição de homem com caráter e moral extremamente benevolente para a de um cientista rigoroso ocorre quase naturalmente.

Na primeira página do jornal *Letras Fluminenses* encontramos a matéria intitulada “Como Oliveira Vianna se vingou da doença”. Com o intuito de desmontar o esforço intelectual do falecido, a reportagem transcreveu trechos de

uma de suas cartas endereçada à Marcos Almir Madeira. Nessa missiva, o intelectual falecido fez referência à doença e ao esforço de “ordenação de pensamento”, de “meditação”, “de investigação e de raciocínio que [...] custou a elaboração” dessa obra, que segundo o próprio Vianna, haviam-no “consumido” consideravelmente (Como..., 1951, pp. 1). Apesar do desabafo, o grupo organizador do número teve o cuidado de deixar claro que Vianna venceu a doença por meio do sacrifício de um “homem de letras” fortemente ligado a sua obra. Diversas reportagens salientavam a personalidade de um homem que negava o repouso, apesar de aconselhado a “poupar-se a esforços mentais” e “evitar a atividade intelectual” (O... 1951, pp. 10).

Encontramos, também, a reprodução de uma longa carta/rascunho de Vianna datada de 1944, a qual é elucidativa na construção da memória da personalidade do intelectual que se pretendia edificar. A referida missiva foi uma resposta a Oswaldo Aranha, quando ele o havia convidado para dirigir uma Comissão de Estudos no Paraguai. Na carta, Vianna comentou sobre suas futuras obras e recordou os prejuízos em sua escrita acarretado pela sua entrada para o Ministério do Trabalho em 1932. O intelectual queixou-se da mudança de foco, mas não lamentou profundamente, pois essa alteração proporcionou a escrita de “alguns livros de interesse geral [...] úteis para o

país” (De..., 1951, pp. 6-7). Agora, como Ministro do Tribunal de Contas, Vianna informou que voltou “para os velhos estudos, para os quatro volumes relativos aos problemas das etnias emigradoras, que [...] havia abandonado desde 1932” (De..., 1951, pp. 6-7).

Toda a explanação pretendia justificar a “recusa ao [...] generoso convite”, pois não pretendia “abandonar esses trabalhos [...] mais uma vez” (De..., 1951, pp. 6-7). E continua:

Se fora mais moço, não teria dúvida em interrompê-los; agora, não. Estou convencido de que com eles estou servindo patrioticamente o Brasil mais do que o poderia servir em novas diversões da minha atividade intelectual. Nelas irei tratar dos grandes problemas do nosso povo, problemas fundamentais de interesse imediato e cuja solução o após-guerra irá postular, com império, aos responsáveis, como V. Exa., pelo destino do Brasil (De..., 1951, pp. 6-7).

Esse é outro exemplo da seleção – feitas pelos redatores – de fragmentos de cartas, de artigos e depoimentos – vale lembrar, todos escritos ao longo das décadas de 1920 e 1940, ou seja, antes do seu falecimento – que buscavam alicerçar a edificação de complexo memorial sobre a personalidade patriótica desse intelectual.

Em comentário de Rocha Pombo (1951,

pp. 5), Vianna foi descrito como “o mais consciencioso, o mais profundo e o mais brilhante entre os espíritos que estudam o nosso passado, no intuito de orientar o presente na solução dos grandes problemas do nosso futuro”. Seguindo o tom apologético, Lourenço Filho (1951, pp. 10) entendia que a linha de pensamento de Vianna guiaria “os passos”, marcaria “os rumos” e faria “sentir a realidade do que somos e do que poderemos ser”. Para o escolanovista, as produções intelectuais viannianas refletiam a “mais alta inspiração nacional e de profunda compreensão humana” (Filho, 1951, pp. 10). Seguindo o mesmo tom, Reis (1951, pp. 14) reconheceu o importante papel do intelectual na busca por elucidar os problemas e encontrar “soluções ou constituindo-se em arauto de ideias novas, a seu ver, passíveis de enquadrarem o Brasil e suas populações no verdadeiro caminho que bem merecem, no consenso geral das nações”.

Alguns fragmentos de artigos dedicados ao reconhecimento do mérito científico e estilístico foram transcritos no jornal, os quais tinham o objetivo de amplificar essas posições. Nessa linha argumentativa, Dayl de Almeida (1951, pp. 3) salientou o cuidado que o falecido intelectual tinha com a escrita e com de linguagem. Madeira (1951, pp. 5) fez questão de ressaltar que o campo das letras não perdeu “apenas o homem de doutrina e de pesquisa”, mas “o escritor genuíno, senhor de

um estilo” de “técnica verbal singular”. Para o comentarista, Vianna era um “prosador harmonioso” detentor de uma “simplicidade consistente e lúcida”, assim como, portador de uma “categoria de elegância” e “prudência artística” que possibilitou “uma espécie de civismo literário” (Madeira, 1951, pp. 5).

Além de traçar a personalidade supostamente bondosa, científica e patriótica, os “guardiões da memória” não deixariam de trazer para o jornal *Letras Fluminenses* sua relação com a ABL. Madeira (1951, pp. 5) apontou que Vianna se “fez acadêmico muito antes da eleição”, pois só “lhe faltava o adorno – o fardão”. Para o comentarista, Vianna

não buscava recomendar-se aos votos da Academia, a que não visou realmente. É bem certo que acabou por escrever a carta petítória, declarando-se candidato; mas nem muitos sabem, e a grande maioria não figura, o que foram as suas relutâncias, as suas teimas, as suas fugas. Quando pôde, resistiu ao Trianon, resistindo aos amigos [...] E no episódio está a prova mais clara da sua total despreensão de glória dos títulos ou aos títulos de glória (Madeira, 1951, pp. 5).

Segundo o comentarista, as promessas de se candidatar feitas a Alberto de Oliveira, desde 1928, acabariam “irritando a Academia” (Madeira,

1951, pp. 5). O comentarista recordou o grupo da “catequese do escritor recalcitrante”, grupo esse que o próprio Marcos Almir Madeira pertencia. De acordo com Madeira (1951, pp. 5), mais da metade dos acadêmicos já haviam “feito apelo pessoal”, outros “descrentes do processo oral, agiam nas epistolas” e, sempre que se abria uma vaga “Vianna fechava-se, fugia, escapulia, sumindo em Saquarema”. Segundo o comentarista, Vianna não hesitava em dizer que sua não candidatura não era um “desapreço ou de simples indiferença [...] A minha relutância está na razão direta do meu respeito à instituição” (Madeira, 1951, pp. 5). Como é sabido, veio a candidatar-se apenas com a vacância da cadeira n. 8 antes ocupada por Alberto de Oliveira, grande amigo de Vianna. Sua candidatura, segundo o comentarista, “não sacrificou a sua coerência: quem bateu à porta da Academia não foi o escritor; foi a criatura humana, foi o amigo” (Madeira, 1951, pp. 5).

Como lembrado pelo discípulo e coorganizador do número especial do jornal *Letras Fluminenses*, Vianna demorou a tomar posse, o que ocorreu apenas em 1940. O interessante é a omissão de uma questão bastante importante; sua pose coincidiu com o fato de que o Chefe do Estado Novo o dispensou dos serviços no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, nomeando-o como ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) em 1940. E que, Vianna, inclusive, foi um

dos pareceristas favoráveis da polêmica alteração do regimento interno da Casa de Machado de Assis, proposto por Cassiano Ricardo naquele mesmo ano. Tal alteração do regimento facilitaria a eleição de Getúlio Vargas como membro da ABL.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como previu Peregrino Junior ao doar – nos salões da ABL – o exemplar do jornal *Letras Fluminenses*, enquanto historiadores, lançamos mão desses relatos para compreender as estratégias que o campo intelectual e a sociedade de indivíduos com o qual Vianna interagiu buscou edificar uma memória sobre esse intelectual brasileiro.

Vemos ao longo deste estudo, o pedido de aposentadoria originado da ABL até o seu desaparecimento, documentado no jornal *Letras Fluminenses*, foram fundamentais para a construção de uma memória sobre o perfil intelectual de Vianna. Outra questão importante é a constatação de que os anais das sessões públicas realizadas nos salões da ABL e o número especial do jornal *Letras Fluminenses* são importante documentos para analisarmos a repercussão do falecimento de Vianna entre parte da intelectualidade brasileira.

Como colocou Bourdieu (2008), a construção do significado do discurso deve ser compreendida pela forma como a comunidade literária

confere sentido e valor simbólico, em nosso caso, a consagração de Vianna nos últimos anos de sua existência. Por essa razão, Bourdieu alerta ao investigador para estar atento à estrutura do espaço social no qual esses discursos são produzidos e à estrutura da constituição do campo. O sociólogo considera, ainda, que se deve dar atenção à transformação no sistema de produção de bens simbólicos e na própria estrutura desses bens, em nosso caso, o momento histórico da solicitação de aposentadoria e morte de Vianna.

Vemos neste estudo que o pedido de aposentadoria proposto nos salões da ABL foi ecoado por seus confrades. A partir do momento que essas sugestões ganharam a imprensa, o campo intelectual compartilhou esses mesmos enunciados, entre eles, o futuro ocupante da cadeira ocupada por Vianna na ABL: Austregésilo de Athayde. Nesse sentido, as classificações e as estratégias coletivas realizadas para a solicitação de aposentadoria de Vianna foram meios pelos quais os agentes procuraram utilizar os bens simbólicos a serviço de seus interesses.

No que se refere a funcionalidade do conjunto de informações reunidas no número especial do jornal *Letras Fluminenses*, isto é, a criação e recriação memorialística de Vianna foi eminentemente empreendida por seus amigos e admiradores. Entendemos que esse jornal pode ser compreendido sob a perspectiva de Luca (2008), uma

vez que esse veículo de informação selecionou, ordenou, estruturou e narrou – de determinada forma – aquilo que se elegeu como digno de chegar ao público. Assim, o jornal *Letras Fluminenses* construiu uma identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento – a morte de Vianna – e o próprio acontecimento – a consagração de Vianna. Sendo assim, o periódico “quer pelo fato de ter assumido um indiscutível *status* de primeiro lugar de memória do autor após sua morte, quer por ter sido publicado com a intenção de ser uma espécie de biografia que, pelas circunstâncias, tem claro caráter hagiográfico (Gomes, 2019, pp. 18).

Os responsáveis pelo periódico reproduziram a “ilusão biográfica” identificada por Bourdieu (1996), pois os redatores do mensário homenagearam o intelectual falecido, selecionaram “certos acontecimentos significativos” e estabeleceram “entre eles conexões para lhes dar coerência” (Bourdieu, 1996, pp. 185). Na construção desse relato, esses indivíduos acreditaram que construíram um conjunto coerente e orientado como expressão de unidade da personalidade de Vianna: um cientista nacionalista que não abandonava suas raízes e seus sentimentos. No entanto, essa coerência não passou de uma ilusão que só pode ser atestada pela abstração.

Essas concepções sobre a unidade do eu, da verossimilhança e do ideólogo da vida do intelectual saquaremense podem ser claramente

sentidas na forma como foram preservadas para os leitores, tanto nos anais da ABL quanto no jornal *Letras Fluminenses*: lista de sugestões bibliográficas; dados biográficos; as publicações de novas obras; fotos, sobre o falecido; e, por fim, a transcrição de correspondências, artigos e jornais sobre o falecido. Todos esses elementos foram pensados para preservar um ideal simbólico sobre a personalidade de Vianna e, assim, campo intelectual e a sociedade de indivíduos articularam-se na edificação de um microcosmo social que produziu bens culturais referentes à personalidade do intelectual saquaremense que, não foram capazes de resistir ao tempo a um certo esquecimento deste intelectual e de suas obras nas décadas seguintes.

REFERÊNCIAS

- A aposentadoria de Oliveira Viana. (1949). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de dez., pp. 5.
- ABL. (1949). **Revista da Academia Brasileira de Letras**. jul. dez., ano 48, vl. 78. Rio de Janeiro.
- ABL. (1951^a). **Revista da Academia Brasileira de Letras**. jan. jun., ano 50, vl. 81. Rio de Janeiro.
- ABL. (1951^b). **Revista da Academia Brasileira de Letras**. jan. jun., ano 50, vl. 82. Rio de Janeiro.
- Almeida, Dayl de. (1951). As palavras na obra de Oliveira Viana. **Letras Fluminenses**. Niterói. mar./jun., pp. 3.
- Arruda, H. M. de; Mendonça, C. V. C. de. (2006). Oliveira Vianna: ideologia social autoritária. **Revista Ágora**, [S. l.], n. 3. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1893>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- Athayde, Austregesilo de. (1949). Mestre Oliveira Vianna. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, 21 de dez., pp. 2.
- Bourdieu, Pierre. (2008). **A Economia as Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Bourdieu, Pierre. (1999). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora representativa.
- Bourdieu, Pierre. (1996). **O mercado de bens simbólicos. A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.
- Bresciani, Maria Stella Martins. (2007). **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP.
- Bresciani, Maria Stella Martins. (2010). Projetos políticos nas interpretações do Brasil da primeira metade do século XX. **Revista de História**, [S. l.], n. spe, pp. 187-214. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0ispep187-214. Disponível em: <https://www.revistas.uspp.br/revhistoria/article/view/19144>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- C.K. (1949). O apogeu de um sociólogo. **A noite**. Rio de Janeiro. 28 de dez., pp. 14.
- Candido, Antônio. (1980). **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e História Literária**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castro, Aloysio de. (1951). Em homenagem à memória do Acadêmico Oliveira Viana. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. jan. jun., ano 50, vl. 81. Rio de Janeiro.

Elias, Norbert. (1994). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar.

Como Oliveira Vianna se vingou da doença. (1951). **Letras Fluminenses**. Niterói. mar./jun., pp. 1.

De Oliveria Viana a Oswaldo Aranha. (1951). **Letras Fluminenses**. Niterói. mar./jun., pp. 6-7.

Gomes, Angela de. (2019). Oliveira Vianna: notas sobre a história e a memória de um “fundador de discursividades”. In. FERREIRA, Jorge; CARLONI, Karla (orgs.). **A República no Brasil: Trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura**. Niterói: Eduft. Ebook ePUB. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1RNMxfIXigmaN8M6rf4_6ILTtv3BqDzuV/view Acesso em: 18 set. 2022.

Filho, Lourenço. (1951). A opinião de Lourenço Filho. **Letras Fluminenses**. Niterói. mar./jun., pp. 10.

Madeira, Marcos Almir. (1951). Oliveira Viana e a Academia. **Letras Fluminenses**. Niterói. mar./jun., pp. 5.

Oliveria Viana visto por um homem da política. (1951). **Letras Fluminenses**. mar-jul, pp. 9.

O último livro consultado. (1951). **Letras Fluminenses**. mar-jul, pp. 10.

Para que o sociólogo Oliveira Vianna possa concluir sua obra. (1949). **O Globo**. Rio de Janeiro. 21 de dez., pp. 2.

Peixoto, Amaral. (1951). Influência da obra de Oliveira Viana na política brasileira. **Letras Fluminenses**. mar-jul., pp. 11.

Pombo, Rocha. (1951). O julgamento de Oliveira Viana por Rocha Pombo. **Letras Fluminenses**. mar-jul., pp. 5.

Reis, José Orsine. (1951). Oliveira Viana e a Escola de Quincas Sousa. **Letras Fluminenses**. mar-jul., pp. 14.

Rego, Costa. (1949). **De Valéry a Oliveira Vianna**. Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 23 de dez., pp. 4.

Torres, João Batista de Vasconcelos. (1956). **Oliveira Vianna: sua vida e sua posição nos estudos brasileiros de sociologia**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

Venancio, Giselle Martins. (2001). Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 28.